

F

factivo Termo habitualmente usado para classificar aquele conjunto de verbos (habitualmente descrevendo estados cognitivos) que admitem uma oração subordinada como seus complementos e cujo uso numa frase PRESSUPÕE a veracidade da proposição expressa por essa oração — como «saber» e «perceber». A factividade do primeiro verbo é visível em «O João sabe que a Ana é da Maçonaria» (que pressupõe que «A Ana é da Maçonaria» é verdadeira, uma vez que se esta for falsa a primeira frase é destituída de valor de verdade — embora haja interpretações desta construção, designadamente as analisadas pelas LÓGICAS EPISTÉMICAS, em que a relação parece ser de IMPLICAÇÃO LÓGICA, isto é, uma interpretação em que se «A Ana é da Maçonaria» for falsa, «O João sabe que a Ana é da Maçonaria» também o é). A factividade do segundo verbo é ilustrada por «O João percebeu que tinha sido enganado» (a qual pressupõe que o João foi enganado).

A classe dos termos factivos não se circunscreve à categoria sintáctica de verbo: o adjetivo «surpreendente», na frase «É surpreendente que o João tenha vindo à festa» e o nome «decisão» na construção «A decisão do João de ir à festa» caem sob o conceito de factivo tal como descrito.

As construções e os predicados de carácter factivo como os exemplificados contrastam com as não factivas que lhes são sintacticamente próximas. «Acreditar» e «pensar», ao contrário de «saber» e «perceber», são verbos não factivos na exacta medida em que, apesar de poderem ocorrer no ambiente sintáctico descrito, as frases resultantes não pressupõem a veracidade da oração subordinada: «O João

acredita/pensa que a Ana é da Maçonaria» têm valor de verdade mesmo que «A Ana é da Maçonaria» seja falsa.

Os factivos contrastam ainda com as construções antifactivas ou contrafactivas, isto é, aquelas que pressupõem a falsidade da proposição expressa por uma certa oração subordinada que é parte integrante de uma frase mais ampla, como «gostava»/«gostaria» + passado (como em «Gostava de ter conhecido a Ana quando tinha vinte anos») ou «fingir» (como em «Ela fingiu estar a telefonar»), ou ainda as condicionais CONTRAFACTUAIS, as quais podem ser vistas como pressupondo a falsidade da antecedente. *Ver também* CONTRAFACTUAIS, IMPLICAÇÃO LÓGICA, LÓGICAS EPISTÉMICAS, PRESSUPOSIÇÃO. PS

facto *Ver* ESTADO DE COISAS.

fala, acto de *Ver* ACTO DE FALA.

falácia É um defeito de raciocínio, um caso de *non sequitur*. Em geral, esse defeito passa despercebido, criando assim a ilusão de se estar na presença de um raciocínio correcto. Essa ilusão pode ser partilhada, ou não, por quem propõe o raciocínio e por aqueles a quem ele se destina. As falácias podem afectar quer os raciocínios dedutivos, quer os indutivos.

A noção de falácia é híbrida: tem aspectos lógicos e psicológicos (ou sociológicos). As noções híbridas deste tipo estão longe de ser pérolas conceptuais, mas revelam-se por vezes úteis para fins pedagógicos e práticos. É, talvez, esse o caso da noção de falácia. Não existe uma teoria geral das falácias, nem uma classi-